



Coca Cola investirá US\$ 250 mi na Índia nos próximos 3 anos **P4**

Índia

Vol. 2 Número 14



Número de milionários cresce mais rápido na Índia **P5**

15 de julho de 2008

Uma Publicação da Embaixada da Índia, Brasília

FICHA ÍNDIA

G-5: destaques da Declaração Política

- A globalização e a inovação têm um potencial sem precedentes para ajudar a melhorar as condições de vida, como também para enfrentar os desafios do desenvolvimento sustentável e social no mundo inteiro.
- Reafirmamos nosso compromisso com a criação de uma sociedade estável e um sistema financeiro internacional ordenado, mais transparente e legítimo. A voz e a representação dos países em desenvolvimento nos processos de decisões das instituições financeiras internacionais devem ser significativamente aprimoradas, especialmente no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial
- É essencial intensificar a coordenação política, não apenas entre as economias avançadas, mas também com as economias dos mercados emergentes.
- As perspectivas econômicas mundiais ressaltam a urgência do estabelecimento de um sistema de comércio internacional justo, aberto, razoável e não discriminatório. É essencial chegar a uma conclusão rápida da Rodada de Doha para sustentar firmemente o desenvolvimento, de acordo com o mandato acordado.
- O aumento global nos preços dos produtos alimentares representa um novo desafio para a luta contra a pobreza e a fome.
- Solicitar a comunidade internacional a elaborar melhores formas e meios de produção e distribuição de alimentos.
- A crise da segurança alimentar exige um aumento rápido e substancial de alocação de recursos para sustentar o desenvolvimento rural e o combate à fome e à pobreza.
- Exortamos a comunidade internacional a enfrentar os desafios da mudança de clima por meio de uma ação cooperativa de longo prazo, de acordo com a Convenção Quadro sobre Mudança Climática da ONU (UNFCCC) e do Protocolo de Kyoto, especialmente o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas.
- Exortamos a comunidade internacional, particularmente os países desenvolvidos, a promover padrões de consumo sustentável e estilos de vida adequados às exigências da mitigação.
- Solicitamos a comunidade internacional a reforçar a cooperação global no desenvolvimento e na utilização da energia, com ênfase nas energias renováveis e na eficiência energética e considerar devidamente fontes de energia solar, eólica e hidroelétrica, e biocombustíveis como etanol e biodiesel, sem afetar negativamente a segurança alimentar.

Índia, Brasil, China, África do Sul, México enfatizam as Metas de Desenvolvimento do Milênio

Preocupados com a desaceleração da economia global, o aumento dos preços do petróleo e dos produtos alimentares, cinco economias emergentes, incluindo a Índia, instigaram os países ricos a não restringirem a produção alimentícia dos países em desenvolvimento, por meio de subsídios que distorcem o comércio.

Em uma declaração política adotada na reunião em Sapporo, no Japão, em 8 de julho, à margem da cúpula do G-8, os líderes da Índia, China, Brasil, África do Sul e México pediram aos países desenvolvidos para cumprir o compromisso firmado no Protocolo de Kyoto e reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 25-40% até o ano 2020.

A declaração ressalta que o cenário atual é ainda mais complexo devido às inter-relações de uma desaceleração econômica mundial marcada pela insegurança financeira, à persistência de distorções comerciais protecionistas, ao disparo dos preços do petróleo e de produtos alimentares e às ameaças representadas pelas alterações climáticas.

A alta mundial dos preços dos alimentos representa um novo desafio para a luta contra a fome e a pobreza. Os subsídios multibilionários à agricultura, aplicados nos países desenvolvidos e que distorcem o comércio, impediram o desenvolvimento da capacidade de produção de alimentos nos países em desenvolvimento, reduzindo criticamente as possibilidades de reação frente à crise atual", de acordo com a declaração.

Os 5 membros do grupo ampliado da Cúpula do G-8 também lideraram uma aliança chave dos países em desenvolvimento na rodada de Doha da OMC contra os subsídios pesados prestados aos ricos agricultores dos países industrializados. Disseram que a comunidade internacional reconheceu que a realização das metas de desenvolvimento internacionalmente aceitas, incluindo aquelas



Da esquerda: Presidente da África do Sul Thabo Mbeki, Presidente do Brasil Lula Da Silva, Presidente do México Felipe Calderon Hinojosa, Presidente da China Hu Jintao e o Primeiro Ministro da Índia Manmohan Singh, na recente Cúpula do G-8, em Sapporo, no Japão.

contidas na Declaração do Milênio da ONU, necessita uma nova parceria entre os países em desenvolvimento e desenvolvidos.

Isto foi afirmado no Consenso de Monterrey, segundo o qual a comunidade internacional concordou em trabalhar de forma coordenada para apoiar o desenvolvimento mediante a mobilização de recursos internos, atrair fluxos de recursos internacionais, desenvolver mecanismos financeiros inovadores, aproveitar os benefícios do comércio internacional, aumentar a cooperação técnica e financeira internacional, assegurar a sustentabilidade e o financiamento da dívida e a redução da dívida externa, e reforçar a coerência e consistência dos sistemas monetários internacional, financeiro e de comércio", segundo a declaração.

A comunidade internacional deve assegurar que, a partir da perspectiva holística, o próximo evento de alto nível das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDM) e a Conferência Internacional de Doha para o Financiamento do Desenvolvimento contribuam para a realização de progresso equilibrado rumo ao Desenvolvimento do

Milênio no cenário global," disse a declaração. "Um mecanismo de acompanhamento para continuar a implementação do Consenso de Monterrey deve ser um dos resultados da Conferência de Doha," acrescentou a declaração.

O Consenso de Monterrey é o acordo histórico adotado pelos líderes mundiais no México, em 2002, na Conferência Internacional sobre o Financiamento do Desenvolvimento. Exige recursos para cumprir as MDMs e as condições que permitam um comércio mais livre, maior investimento estrangeiro, redução da dívida e governo eficiente. As MDMs adotadas em 2000 são um conjunto de metas destinadas a reduzir ou erradicar os males socioeconômicos até 2015.

Em 9 de junho, os líderes da Austrália, Brasil, Canadá, China, União Européia, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, Coreia, México, Rússia, África do Sul, Grã-Bretanha e EUA reuniram-se, enquanto principais economias do mundo, e declararam que as mudanças climáticas "são um dos grandes desafios mundiais do nosso tempo" e comprometeram-se a "combater as mudanças climáticas, de acordo com as responsabilidades comuns, porém diferenciadas e capacidades respectivas a enfrentar os desafios do desenvolvimento sustentável interligadas, incluindo a energia, a segurança alimentar e a saúde humana". "Estamos unidos para contribuir aos esforços no âmbito da Convenção Quadro sobre Mudança Climática da ONU. Nossa contribuição e cooperação estão enraizadas nas metas, disposições e princípios da Convenção", afirmaram os dirigentes. Também se comprometeram a continuar a trabalhar construtivamente em conjunto para promover o sucesso da Conferência de Copenhague sobre mudanças climáticas, em 2009.

PM: Plano de Ação contra Mudanças Climáticas



Em 30 de junho, a Índia revelou o Plano de Ação Nacional contra as Mudanças Climáticas. Ao anunciar o Plano de Ação em Nova

Delhi, o Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh disse que a Índia vai dar prioridade à geração de energia solar na luta contra as mudanças climáticas. Trechos do discurso do Primeiro Ministro: "Tenho o prazer de receber a todos no lançamento formal do Plano Nacional de Ação contra Mudanças Climáticas. O Plano compreende uma ampla e extensa gama de medidas.

Decidimos nos focalizar em nossas ener-

gias nacionais nas Oito Missões Nacionais, que vão continuar a ser os componentes-chave de nossa estratégia de desenvolvimento sustentável. Estão incluídas as missões nacionais sobre energia solar, aumento da eficiência energética, criação de um ambiente sustentável, conservação de água, preservação do ecossistema dos Himalaias, criação de uma 'Índia verde', agricultura sustentável e, por fim, o estabelecimento de uma plataforma de conhecimento estratégico sobre mudanças climáticas.

Nossa visão é tornar o desenvolvimento econômico da Índia eficiente em termos energéticos. Nesta estratégia, o sol ocupa o centro da ação, como deve ser, sendo literalmente a fonte original de toda a ener-

gia. Vamos reunir nossos talentos científicos, técnicos e gerenciais, com recursos financeiros suficientes, rumo ao desenvolvimento da energia solar como uma fonte abundante de energia para alimentar a economia e transformar a vida de nossa população. A mudança climática é um desafio global. Só pode ser superada com êxito, mediante um esforço mundial de colaboração e cooperação. A Índia está disposta a desempenhar seu papel como um membro responsável da comunidade internacional trazendo sua própria contribuição. Já estamos fazendo isso nas negociações multilaterais em curso no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

Índia assina contrato AWACS de US\$ 210 mi com Brasil

A Índia assinou um contrato de US\$ 210 milhões com a empresa brasileira Embraer, pela entrega de três aeronaves, destinadas ao projeto nacional de miniatures AWACS (Sistema de Controle e Advertência Aérea).

Os sistemas de fabricação própria AEW&C (Controle e Advertência Aérea Precoce), a serem desenvolvidos pelo DRDO (Serviço de Pesquisas e Desenvolvimento de Defesa) devem ser montados em três jatos brasileiros Embraer 145, com uma primeira entrega prevista para julho de 2011.

A Índia já adquiriu cinco luxuosos jatos 'Legacy' BEM 135-BT, num contrato de INR 7,22 bilhões com Embraer para transportar VIPs em todo o país.

O projeto AEW&C é estimado em INR 18 bilhões. A aeronave BEM-145 será mo-



dificada para transportar o conjunto de antenas do DRDO, que deve ser montado na parte superior da fuselagem da aeronave," disse um oficial. Mesmo não sendo tão avançados quanto os Phalcons, os AWACS nacionais serão poderosos multiplicadores de força. O AEW&C, baseado numa versão habilitada do Embraer 145, será testado em voo para sistemas de mis-

sões na Índia, pelo DRDO e IAF em 2012," acrescentou um oficial.

A importância dos AWACS ou "olhos no céu", pode ser medida pelo fato que podem detectar a chegada de mísseis de cruzeiro e aeronaves inimigas muito antes dos radares, além de dirigir os jatos de caça da defesa aérea durante as operações de combate contra aviões inimigos.

Num contrato de US\$ 1,1 bilhão com Phalcon AWACS, assinado em março de 2004, três sistemas de comunicação e advertência radar precoce serão integrados em aeronaves russas de transporte de carga pesada IL-76 para oferecer à Índia os primeiros AWACS de última geração.

As entregas, que deviam ser iniciadas em novembro de 2007, começaram somente a partir de setembro de 2008 devido a "dificuldades técnicas".

Plethico Pharma busca aquisições no Brasil



Nos próximos dois anos, a indiana Plethico Pharmaceuticals Ltd. planeja comprar uma empresa no Brasil e nos EUA, com um

gasto total estimado de US\$ 150 milhões.

Plethico planeja apresentar uma oferta para uma empresa 'nutraceutical' nos EUA e também assinou um acordo preliminar confidencial com uma outra empresa 'nutraceutical', disse o executivo da farmacêutica, Sanjay Pai, que objetiva concluir um acordo por US\$ 80-100 milhões.

"Há tantos negócios bons nos Estados Unidos, no espaço 'nutraceuticals'", disse Pai. "Após Natrol, as pessoas se tornaram mais interessadas em aquisições." No ano passado, Plethico adquiriu o fabricante norte-americano de produtos nutricionais de marca, Natrol Inc., por US\$ 81 milhões. Os nutraceuticals são extratos alimentícios usados como suplementos dietéticos.

No Brasil, Plethico mantém conversas com duas empresas, um fabricante de produtos fitoterápicos e um outro fabricante de produtos alopatóicos e em venda livre, disse Pai. Uma dessas empresas pode ser adquirida por cerca de US\$ 50 milhões, acrescentou.

"O Brasil é um grande mercado. Oferece grande volume e margens satisfatórias," disse, acrescentando que o mercado proporciona de 15 a 20% de lucros, antes dos impostos e juros.

A empresa estava numa posição forte para levantar fundos por meio de dívida e várias opções, disse ele, acrescentando que seria decidido quando o negócio for concluído.

Seminário de promoção de exportação focaliza na América Latina

O Conselho para a Promoção das Exportações de Engenharia (EEPC) organizou recentemente um seminário, em Mumbai, intitulado 'Seminário para a promoção das exportações com enfoque nos países latino-americanos'. O objetivo do seminário foi de encorajar as pequenas e médias empresas (PMEs) indianas — particularmente no setor da engenharia — a explorarem os mercados latino-americanos e ampliarem as oportunidades de negócios transnacionais.

Patrocinado por ICICI Bank, o seminário contou com a participação de mais de 100 representantes de PMEs de diferentes partes da região oeste. Entre os principais convidados, encontravam-se Juan Alfredo Pinto, Embaixador da Colômbia na Índia e o Dr. L.S. Kanodia, Cônsul honorário do Chile em Mumbai. Durante seu discurso programático, o Embaixador da Colômbia descreveu seu país e a região latino-americana como uma oportunidade de ouro para os negócios.

O Dr. Kanodia incentivou as PMEs indianas a se expandirem geograficamente, além dos EUA e da Europa. "Pensem 'pronto para usar' e considerem a América Latina," disse. Destacou a importância de aumentar as exportações do país e liberar o setor de engenharia por meio de reformas tributárias. "É preciso duplicar o sucesso da TI em outros setores," disse.

No início do discurso de boas-vindas, o Presidente regional da EEPC, Nayan Shah, enfatizou a criação de oportunidades para o benefício mútuo dos negócios, a cooperação e parceria econômica entre a Índia e a Americana Latina. Shah também afirmou que o aumento de investimentos diretos estrangeiros constituía um sinal de confiança dos investidores estrangeiros na estabilidade e nas perspectivas de crescimento regional. Também citou o exemplo de empresas indianas com bases já estabelecidas na região.

No final da tarde, Rajat Srivastava, diretor regional de EEPC (região oeste) conversou sobre as potencialidades para exportar produtos e serviços de engenharia na região latino-americana. Comentou vários privilégios concedidos pelo governo aos membros exportadores da EEPC e explicou o papel dos eventos da EEPC na construção de laços sólidos entre a Índia e os países latino-americanos.

Reliance assina acordo com empresa peruana

A indiana Reliance Industries Ltd. assinou um acordo conjunto com uma petrolífera estatal peruana para explorar gás natural e petróleo no



país latino-americano. O acordo, assinado recentemente, buscou formalizar uma parceria em andamento, há vários meses, segundo oficiais peruanos do Ministério da Energia e acrescenta uma outra nação em desenvolvimento na lista dos países cortejados por Reliance para atender a crescente demanda energética indiana. Acredita-se que a aliança entre a Índia e o Peru providenciará 22 blocos exploratórios de hidrocarbonetos a serem licitados em setembro.

Previamente, em abril desse ano, a RIL

assinou um acordo com a Pan Andean, um conglomerado britânico, ativo na exploração e produção de gás e petróleo na América Latina, a fim de adquirir uma participação de 90% no Bloco 141, na beira do Lago Titicaca.

O Presidente peruano Alan Garcia busca abrir o país a vários novos operadores e afirmou que esperava que a indústria petrolífera peruana atraísse em torno de US\$ 3 bilhões de investimentos diretos estrangeiros para criar milhares de empregos até o fim de seu mandato em 2011. Até agora, cerca de 80 contratos exploratórios foram assinados e, ao menos, 24 blocos já foram licitados em 2007 com 16 suplementares nesse ano.

Sinal verde para OVL investir no Brasil, Trinidad e Tobago



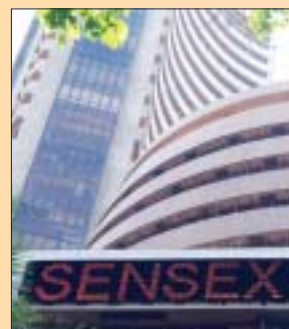
A Comissão do Gabinete para as Questões Econômicas (CCEA) aprovou um investimento de US\$ 437 milhões da estatal ONGC Videsh Limited para explorar blocos petrolíferos no Brasil, Trinidad e Tobago. A CCEA autorizou OVL, a filial para os investimentos exteriores do líder energético ONGC, a investir cerca de US\$ 282 milhões em dois blocos offshore

SM 1413 e ES 470 para a primeira fase exploratória, com taxa interna de lucro esperada de 16 por cento. Além disso, a Empowered Committee of Secretaries (ECS) foi autorizada a aprovar um aumento de investimento de 30 por cento para atender a escalada dos custos no futuro.

O Ministério do Gás natural e Petróleo foi autorizado a dar permissão à ONGC para apoiar e financiar, se necessário, até 30 por cento do valor líquido de ONGC, sem recorrer ao apoio do governo. OVL foi

autorizada a buscar um "operador regional experiente" para oferecer participação nos blocos "a fim de compartilhar riscos e experiência". A CCEA aprovou um investimento similar no bloco North Coast Marine Área 2 em Trinidad e Tobago, em que OVL deve investir 155 milhões de dólares na primeira fase exploratória, com taxa interna de lucro de 14 por cento. Porém, isto depende do sucesso da negociação do acordo de participação na produção com o governo de Trinidad.

Índia recebe US\$ 4 bilhões em 16 OPAs



Apesar da crise de créditos e das conseqüentes turbulências financeiras, os mercados emergentes continuam a liderar as ofertas públicas de ações (OPA) no mundo, com a Índia representando um terço do total arrecado pelas nações do BRIC, nos primeiros meses de 2008. Segundo a empresa de consultoria Ernst & Young, o Brasil, Rússia, Índia e China arrecadaram US\$ 13 bilhões mediante OPAs no primeiro trimestre desse ano e a Índia recebeu US\$ 4 bilhões por meio de 16 ofertas públicas. Nesse período, US\$ 41 bilhões foram recolhidos mediante 236 OPAs no mundo inteiro.

"A crise dos créditos e a volatilidade do mercado financeiro levaram ao crescimento negativo das atividades mundiais de OPAs. Considerando o impacto no desempenho do mercado global de OPA, os mercados indianos de OPA atuaram razoavelmente bem. Quando os mercados se recuperarem, os principais

incentivos dos mercados indianos serão a busca das empresas PE para os setores da infra-estrutura, dos bens imóveis e da energia," disse R. Balachander, Parceiro & Liderança OPA (Mercados de Crescimento Estratégico) de Ernst & Young. Na medida que os mercados desenvolvidos sofrem um crescimento negativo, os mercados emergentes, particularmente as economias do BRIC continuam a liderar o apelo mundial por OPA. No três primeiros meses, as nações do BRIC recolheram US\$ 13 bilhões via 47 OPAs, observou Ernst & Young.

Nos últimos anos, observamos uma aceleração da atividade OPA nas economias emergentes, especialmente nos países do BRIC. Os investidores mundiais, com apetite para os riscos, deslocaram os ativos para os mercados de rápido desenvolvimento nos quais lucros podem ser alcançados. Liquidez abundante, economias locais florescentes e consumo em alta constituem alguns dos inúmeros fatores alimentando o crescimento dos mercados emergentes," aponta Balachander. No ano passado, as nações do BRIC geraram US\$ 119 bilhões em 430 transações, representando 41% do total mundial das operações de OPA. A China lidera o grupo com US\$ 65,9 bilhões e 259 transações.

■ A HISTÓRIA DA ÍNDIA NA MÍDIA GLOBAL

Agora é 'a vez da Índia'

A Índia sempre produziu mais economistas do que se pode consumir localmente. Há o suficiente para dirigir o país e muito deles desempenham cargos prestigiosos em universidades estrangeiras e internacionais. Estes expatriados esquecem raramente o país de origem. No início deste ano, Arvind Panagariya, da Universidade de Columbia, publicou "Índia: o gigante emergente." Agora, um segundo Arvind — Arvind Subramanian do Peterson Institute for International Economics, em Washington DC, publicou um outro livro sobre a economia indiana, intitulado 'A vez da Índia'.

É difícil resistir à tentação de comparar os dois livros. O livro de Panagariya representa a melhor realização de uma carreira, uma elevada obra de erudição. Exige muito dos leitores, mas retribui amplamente o esforço. O pai do autor disse a ele: "Vai devagar, mas escreva um livro de referência sobre a Índia." O filho não o desapontou. É possível que Subramanian escreva um dia tal livro. Mas, não é o caso deste. Ao contrário, é uma compilação de artigos de jornal e documentos acadêmicos, alguns não tão recentes. Nem é de grande crédito para os editores. Seis erros de tipografia aparecem numa única página. Apesar destas confusões e dos frequentes recursos a dados econométricos, é de leitura mais fácil que o de Panagariya. Os dois economistas concordam em muitos pontos. Ambos são otimistas quanto às perspectivas indianas. Mas, nenhum acredita que o país pode se



tornar uma potencia econômica sem ter um importante setor manufaturado. Ambos desconfiam da maior abertura da economia ao capital estrangeiro, o que poderia valorizar a rupia e prejudicar assim a competitividade das exportações.

Os dois Arvind não concordam sobre as razões para a mudança de destino da Índia. Esse avanço é geralmente situado em 1991, quando, no meio dos atritos, o governo cortou os direitos alfandegários, facilitando a entrada dos investidores estrangeiros e desmantelando, em grande parte, as barreiras industriais. Desse ponto de vista, a reviravolta indiana representa um triunfo para a reforma favorável do mercado. Porém, o crescimento indiano na década anterior às reformas de 1991 é equivalente ao da década seguinte.

A "época da escuridão não era só escura," escreve Subramanian. Acredita que a resposta indiana às reformas de 1991 deve muito aos fundamentos herdados dos anos 80, e até mesmo mais cedo, quando emergiu uma mão-de-obra qualificada e uma prática industrial intocada pela competição estrangeira. É evidente que as primeiras reformas não ajudaram necessariamente a Índia. Panagariya recusa esse argumento e, até mesmo, Subramanian parece ambivalente a esse respeito. No decorrer do livro, argumenta que a época

pré-reforma distorceu o desenvolvimento, levando a Índia a um caminho não totalmente desejável. Com negócios focalizados na indústria pesada, química e engenharia, a economia passou a depender mais do capital e referências do que a abundante mão-de-obra não-qualificada.

Isso permitiu que as mais famosas empresas indianas tivessem sucesso, apesar dos insuportáveis regulamentos trabalhistas que protegem uma minoria de empregados às custas de inúmeros desempregados. Uma vez que as empresas aprenderam a lidar com essas leis, não intercederam muito para revogá-las.

O autor destaca os comportamentos semelhantes dos novos ricos indianos. Em vez de lutar para reformar as instituições públicas carentes, escolheram matricular os filhos em escolas particulares, instalar geradores elétricos próprios e abrigar-se em suas comunidades. É uma resposta lógica à insuficiência dos serviços públicos, mas é perigoso. Segundo Subramanian, os crimes aumentam nos estados indianos mais ricos e as insurgências armadas ameaçam agora um quarto dos 610 distritos do país. Estes dois livros parecem travar duas batalhas diferentes. Pacientemente, Panagariya aplica as meras verdades da economia liberal a um país que ainda se danifica intencionalmente com regulamentos absurdos.

Para ler o texto completo acesse
http://www.economist.com/books/displaystory.cfm?story_id=11613958

Mahindra aposta nos Estados Unidos

O chefe dos negócios automotivos de Mahindra & Mahindra Ltd. afirmou que a empresa indiana continua a apostar no sucesso das operações norte-americanas, no próximo ano, apesar do colapso do mercado dos picapes e veículos utilitários desportivos, as únicas categorias de produtos nos quais pode competir.

Numa entrevista coletiva, o presidente da empresa, Pawan Goenka, demonstrou um interesse moderado em negociar com General Motor para adquirir a divisão Hummer do fabricante. Todavia, declarou que ambos os lados não mantinham conversas substanciais e que, provavelmente, não fazia sentido para a empresa.

Ao contrário, Mr. Goenka planeja lançar um pequeno picape no próximo verão nos EUA, com a marca Mahindra e um SUV, de tamanho médio, em 2010. Mahindra e seu distribuidor norte-americano adiaram o lançamento do SUV, em parte por causa da mudança das condições de mercado.

Mr. Goenka afirmou que, apesar do atual descrédito dos dois estilos de carroceria



— devido às mediocres economias em combustível — Mahindra planeja equipar seus veículos somente com motores diesel, o que favorecerá um rápido lançamento da marca. Conseqüentemente, a empresa planeja lançar veículos híbridos nos EUA.

"Apesar de tudo, a situação atual torna nossos veículos mais atrativos," disse, apontando para o recente sucesso do menor dos SUVs híbridos, prova que o segmento ainda está vivo. Visto que Mahindra é uma marca nova nos EUA, Mr. Goenka declarou ser possível que as pessoas corram o risco de veículos diesel que oferecem tipicamente 20-30% de economia de combustível do que os veículos à gasolina.

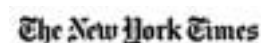
Apesar dos veículos Mahindra serem vendidos em vários mercados no mundo inteiro, dez milhões de dólares já foram investidos para re-projetar os veículos conforme os padrões e gostos dos consumidores norte-americanos. Porém, a aposta de

Mahindra é arriscada. Globalmente, a indústria dos veículos leves registrou o crescimento mais fraco da década e as vendas de camionetes caíram 28,4% nesse ano, com consumidores obrigados a lidar com o aumento de US\$ 4 por galão de gasolina.

Mr. Goenka acredita que ainda há uma demanda para camionetes e SUV nos Estados Unidos, particularmente dos compradores comerciais e das famílias que desejam um meio de transporte espaçoso. Mahindra aposta em uma combinação de ergonomia e eficiência para ajudar a vender, ao menos, 10.000 veículos ao ano, o que pode ser suficiente para entrar no mercado norte-americano.

Os preços do diesel são geralmente 15% superiores à gasolina. No ano passado, os custos do diesel aumentaram mais rapidamente que os da gasolina. Isso significa que os benefícios de um motor diesel de maior eficiência serão, de certa forma, anulados.

Para ler a história completa, acesse
<http://online.wsj.com/article/SB121509858100626645.html>



ICICI planeja aquisições

ICICI Bank, um dos maiores bancos indianos, considera uma política de aquisição para se expandir, além do mercado doméstico, enquanto muitos concorrentes estrangeiros enfrentam as tensões dos mercados de crédito, declararam dois dirigentes, numa entrevista coletiva, no dia 9 de julho.

Como muitos bancos indianos, ICICI, situado em Mumbai, permaneceu relativamente ileso nas turbulências do mercado financeiro e tem atualmente cerca de US\$ 5 bilhões em dinheiro para financiar a expansão internacional, o que pode incluir a compra de uma "ampla franquia de consumo" no Reino Unido, Canadá ou Alemanha, disse Sonjoy Chatterjee, diretor executivo e responsável para os negócios internacionais.

Prestando principalmente serviços aos NRI (não-residentes indianos), na Índia e no exterior, ICICI já ofereceu contas bancárias on-line para clientes estrangeiros nesses três países e apressa-se para construir rapidamente uma marca global, uma vez que a alta das taxas de juros reduz os empréstimos no mercado de consumo interno.

ICICI opera em 19 países no exterior, incluindo os Estados Unidos, e estes mercados representam cerca de 25% dos ativos do banco, isto é, US\$ 30 bilhões.

Para ler o texto completo acesse
http://www.nytimes.com/2008/07/10/business/worldbusiness/10rupee.html?_r=1&scp=4&sq=ICICI&st=cse&oref=slo-gin



Daimler escolhe Chennai

Daimler AG e o grupo indiano Hero declararam, no dia 7 de julho, ter escolhido a cidade indiana de Chennai para criar uma fábrica de veículos utilitários que produzirá 70.000 veículos por ano, a partir de 2010. Para construir a unidade, é necessário um investimento de cerca de US\$ 1,1 bilhão nos próximos cinco anos, declararam as empresas. "Os fatores chave que levaram à escolha do sítio de Chennai para as futuras instalações de produção foram a proximidade de importantes fornecedores, a infraestrutura da cidade e a conectividade de transporte," disseram as empresas.

O empreendimento conjunto produzirá veículos utilitários para carga pesada, média e leve para o mercado indiano no início, mas não está excluído exportar para outros mercados emergentes.

Para ler a história completa, acesse
<http://www.iht.com/articles/ap/2008/07/07/business/EU-Germany-Daimler-Hero.php>

PASSANDO EM REVISTA



O Ministro das Relações Exteriores do Paquistão, Shah Mahmood Qureshi, recebido pelo Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh, em Nova Delhi, 27 de junho.



O diretor executivo de Nokia, Oli Pekka Kallasvuo, recebido pelo Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh, em Nova Delhi, 26 de junho.



O porta-voz da Câmara alta do Parlamento japonês, Satsuki Eda, recebido pelo Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh em Nova Delhi, 2 de julho.



O Ministro das Relações Exteriores de Portugal, Dr. Luis Amado, com o Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh em Nova Delhi, 7 de julho.

Treze empresas indianas aparecem na lista FT500

Publicada pelo Financial Times, no dia 28 de junho, a lista FT500 das maiores empresas mundiais constata que empresas da China, Índia e Rússia estão representadas em maior número do que antes. A Índia ocupa o 15º lugar, com 13 empresas totalizando um valor de mercado de US\$ 420.749 milhões.

Os Estados Unidos dominam a lista com 169 empresas com um valor de mercado de US\$ 1.699.617.111 milhões, enquanto a China vem em terceiro com 25 empresas e um valor de mercado de US\$ 1.962.048,4 milhões. Os outros principais países do BRIC, Rússia e Brasil, classificam-se em 9º e 11º lugares respectivamente.

Enquanto Exxon Mobil classifica-se em

FT Global 500		
País	Número de Empresas	Valor de mercado em US\$ mi por país
China	25	1.962.048,4
Rússia	13	819.539,1
Brasil	11	670.696,2
Índia	13	420.749,0

primeiro, Berkshire Hathaway vem em 13º e Arcelor Mittal em 44º. As empresas que registraram as maiores quedas em relação à classificação de 2007 são os provedores norte-americanos de serviços financeiros, Lehmann Brothers, que passou de 219º para o 476º lugar. O gigante informático indiano, Tata Consultancy Services, passou de 318º em 2007 para 481º, enquanto Infosys perdeu 121 lugares — de 344 em

2007 para 465.

A pesquisa FT500 baseia-se nos valores de mercado no fim de março, a cada ano.

A lista também revelou que a dominação norte-americana enfraqueceu-se, apesar da maior presença do Canadá, país vizinho. O número de empresas canadenses na FT500 cresceu, passando de 10 para 24 desde 1996. O aumento dos números ocorreu, juntamente com uma mudança no domínio

das indústrias dos setores do transporte, manufatura e financeiro para aqueles com base nos recursos.

Uma empresa tal como Barrick Gold tornou-se o maior produtor mundial de ouro mediante várias aquisições importantes. Segundo o Financial Times, algumas empresas conseguiram avanços importantes, particularmente Research In Motion, que fabrica o BlackBerry. No setor europeu, a lista mostra uma queda no número de empresas britânicas e holandesas, enquanto as da Alemanha e Suíça se mantiveram quase iguais.

As fusões e aquisições beneficiaram algumas empresas, tais como ArcelorMittal e EADS, com volumes suficientes para garantir a presença na classificação.

Coca Cola vai investir US\$ 250 mi na Índia nos próximos três anos



Coca Cola, gigante mundial dos refrigerantes, deve investir US\$ 250 milhões na Índia nos próximos três anos, focalizando nas marcas das categorias de bebidas gasosas, sucos, bebidas à base de sucos, águas, chás e cafés. Ao divulgar isso nos bastidores de uma cerimônia em Calcutá, no dia 4 de julho, o presidente e principal executivo (CEO) de Coca Cola India, Atul Singh, disse que a companhia considerava a Índia estrategicamente importante para seus empreendimentos de negócios globais.

“Estamos empenhados com investimentos na Índia. A companhia investirá US\$ 250 milhões no país nos próximos três anos,” disse Singh. Afirmou que as nações do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) são países estratégicos nos quais a empresa se focaliza. A empresa deve dar prioridade aos segmentos de refrigerantes, sucos, águas, chás Georgia e cafés.

Coca Cola registrou um crescimento fenomenal nos últimos sete trimestres e cresceu 13% em termos de volume de unidade condicionada no quarto trimestre do último ano financeiro, destacou um executivo da empresa.

Coca Cola é o líder do mercado na Índia, na categoria de refrigerantes com uma participação de mercado de mais de 60%.

Fontes da empresa disseram que a estratégia de focalizar em refrigerantes no país tem como base o enorme potencial inexplorado do segmento. Segundo estimativas, o país consome 120 bilhões de litros de bebidas, dos quais a participação na indústria de bebidas embaladas é apenas de 4%.

NYSE Euronext adquire 5% de MCX

A Bolsa de Valores de Nova Iorque Euronext (NYX) adquiriu uma participação de 5% no maior mercado indiano de derivados de matérias primas, o Multi-Commodity Exchange (MCX), por meio de sua filial Euronext NV.

O NYX declarou que o investimento de participação de 5% é o máximo de interesse de participação permitido para um único investidor estrangeiro nos mercados, de acordo com a legislação indiana.

Na declaração, Lawrence Leibowitz, vice-presidente executivo de NYSE Euronext Group e chefe de U.S. Execution and Global Technology, afirmou que, com o investimento em MCX, NYSE Euronext será capaz de expandir sua liderança global “alinhando o modelo de negócios variados



com outras entidades globais. “Completando, ressaltou que a região Ásia Pacífico era uma região de forte crescimento para os mercados de capital global e MCX “é o número 1 dos mercados de derivados de matérias-primas.”

A declaração citou o presidente diretor

geral e diretor executivo de MCX Joseph Massey, ao dizer que o investimento estratégico de NYSE devia ser visto “como estrategicamente importante no contexto global”.

O vice-diretor de MCX, Jignesh Shah, disse que a parceria criaria “uma das maiores redes globais de mercado em todas as economias aceleradas da África, Ásia Central, Oriente Médio, Índia, China e outros países asiáticos”.

Atualmente, há 14 listas de cotação de empresas indianas nos mercados NYSE Euronext, 12 das quais na Bolsa de Valores de Nova Iorque e duas na Euronext (incluindo uma empresa interlistada), cuja capitalização de mercado global total combinada é, aproximadamente, de US\$ 96,5 bilhões.

Fabricantes planejam PC com modelos exclusivos



Modelos fabricados para a Índia com designs anti-conventionais e preços atraentes estão se tornando, cada vez mais, o foco para os principais fabricantes de computadores, confrontados com a crescente demanda de usuários de negócios para tais produtos. O último a entrar na onda com um modelo de baixo custo foi Hewlett Packard (HP) com seu Dx2009 ou Mini DT business desktop.

Outros como Intel, AMD, Dell e Wipro também lançaram computadores, visando especificamente o segmento comercial.

AMD e Wipro promovem conjuntamente Protos, um computador com fator de forma pequena, onde a unidade central (CPU) foi reduzida ao mínimo necessário. O PC fator de forma pequena de Intel, denominado PC Classmate, é destinado ao segmento educativo e uma parte principal do design do produto foi realizada na Índia. Intel também lançou recentemente uma nova gama de PCs notebook denominados Netbook, com um custo de US\$ 300, destinados aos mercados emergentes como a Índia. O denominador comum dessas máquinas é que elas se adaptam às condições indianas. No caso de Protos, ele pode ser utilizado com uma bateria de 12 volts, suportando condições climáticas extremas.

População on-line na Índia chega a 27%

Os indianos estão cada vez mais acessando a Internet, com mais de 28 milhões de usuários de cibercafés em 2008, um aumento de 27 por cento em relação ao ano anterior. Não apenas na Índia, o número de usuários da Internet em casa e no trabalho, com idade de 15 anos e acima, na região Ásia-Pacífico, aumentou 14 por cento com 319 milhões de visitantes em abril de 2008, ultrapassando o crescimento de todas as outras regiões do mundo, segundo um relatório de comScore Inc, empresa de pesquisa de marketing Internet.

“O maior crescimento ocorreu na Índia que disparou com 27 por cento e mais de 28 milhões de usuários da Internet. Logo



após, vem a China com um crescimento de 14 por cento e mais de 102 milhões,” segundo o relatório intitulado “The State of Global Internet with a Focus on Asia”.

Taiwan, Malásia e Nova Zelândia registraram um crescimento de 12% cada um.

Enquanto isso, nações desenvolvidas como Japão e Cingapura tiveram ganhos modestos de 3% e 4% respectivamente, afirmou. Outros resultados constataram que, embora Google e Yahoo! obtiveram maioria na parte de mercado de busca na região Ásia-Pacífico, cinco das dez maiores propriedades de busca são motores regionais, incluindo Baidu.com da China e Naver.com da Coreia.

Mahindra USA no topo da NAEDA



O grupo Mahindra declarou que sua filial 100%, Mahindra U.S.A., foi classificada com alto desempenho entre os fabricantes de tratores, numa pesquisa conduzida pela North American Equipment Dealers Association (NAEDA). A pesquisa foi realizada entre 1.309 negociantes, baseada em 36 critérios, segundo um comunicado da imprensa em Mumbai. “O mercado norte-americano é muito importante para o setor de equipamento agrícola de M&M, e é uma grande honra alcançar inteira satisfação na pesquisa da NAEDA,” declarou o presidente Anjanikumar Choudhari.

A cotação foi baseada na qualidade e disponibilidade do produto, suporte técnico, qualidade e disponibilidade de peças, procedimentos de garantia, resposta do fabricante às necessidades do negociante e suporte de marketing e publicidade. O setor de equipamento agrícola de M&M (FES) já se encontra entre os três principais fabricantes mundiais e tem sido o líder incontestante na indústria indiana de tratores. NAEDA é a principal associação de negociantes nos EUA.

Exportações aumentam 22,9% em 2008



Apesar da valorização da rupia, as exportações indianas de mercadoria aumentaram 22,9% no ano fiscal 2008, levemente acima dos 22,6% do ano fiscal anterior, declarou o Banco Central da Índia (RBI). No ano fiscal 2008, as exportações de mercadoria ficaram em US\$ 155,4 bilhões contra US\$ 126,4 bilhões no ano anterior, devido principalmente à forte alta nos setores dos bens de engenharia, pedras preciosas, jóias e produtos petrolíferos, disse o RBI no boletim mensal.

O crescimento das exportações no ano fiscal 2008 se aproximou da média de crescimento dos cinco anos anteriores, sinalizando a forte dinâmica do crescimento, segundo o banco indiano de referência.

Do total de exportações, a agricultura e produtos agrícolas, bens de engenharia, pedras preciosas, jóias e produtos petrolíferos contribuíram em 68% do crescimento das exportações, de abril a janeiro de 2008, disse o RBI.

Por outro lado, durante esse período, as importações do país registraram um crescimento maior, 26,9% comparado aos 24,5% do ano passado, devido à alta das exportações petrolíferas e não petrolíferas, afirma o RBI no boletim.

IDE 5 vezes maior no setor imobiliário



O setor imobiliário indiano emergiu como o preferido dos investidores estrangeiros em 2007-08, confirmado pelas entradas de investimentos diretos estrangeiros (IDE) de cerca de INR 87,49 bilhões, um aumento de quase cinco vezes em relação ao ano fiscal 2007. "Os investidores consideram enorme o potencial imobiliário da Índia. De fato, observamos o fortalecimento dessa tendência nesse ano, uma vez que os preços se tornam mais atrativos para os investidores," disse Ramesh Sanka, diretor financeiro de DLF, maior incorporador imobiliário da Índia. No ano passado, DLF Ltd. vendeu 49% de participação em oito projetos residenciais SPVs, para investidores de capital privado, por um total de INR 16,75 bilhões. A empresa Merrill Lynch comprou uma participação de 49% em sete projetos residenciais de DLF em Chennai, Bangalore, Kochi e Indore por INR 14,81 bilhões.

Segundo os dados divulgados pelo Governo, no dia 24 de junho, o setor imobiliário, aberto de maneira espetacular em 2004-05, registrou um aumento significativo de IDE entre 2005 e 2008 — passou de INR 1,71 bilhões em 2005-06 para INR 21,21 bilhões em 2006-07. "Houve interesses crescentes dos investidores. Dependendo do tipo de ativos no setor imobiliário, a taxa média de rendimento é de 25-35% na Índia, comparada à média mundial de um dígito," afirmou Sanjay Verma, Presidente Diretor Executivo para a Ásia do Sul de Cushman & Wakefield.

Número de milionários cresce mais rápido na Índia

Demonstrando o crescente espírito empreendedor e a expansão do setor empresarial, a Índia gera milionários no ritmo mais rápido do mundo em 2007, segundo um recente relatório.

No último ano, o número de milionários em dólares aumentou 23.000 em relação aos 100.000 de 2006, segundo o relatório anual de Merrill Lynch CapGemini, compilando dados financeiros para fins de administração de riqueza e ativos.

"A Índia lidera o crescimento mundial da população HNWI (particulares com alto patrimônio líquido) com 22,7%, devido aos 118% de alta da capitalização de mercado e aos 7,9% de aumento do PIB (produto interior bruto). Apesar do crescimento do PIB indiano ser inferior aos 9,4% de 2006, os atuais níveis são considerados mais estáveis e sustentáveis," afirma o relatório.

No mundo inteiro, o número de pessoas, com ativos acima de US\$ 1 milhão, ultrapassou 10 milhões, pela primeira vez, representando um aumento de 6% em relação ao ano anterior. Porém, este crescimento foi inferior aos 8% registrados de 2005 a 2006.

A riqueza combinada dos 10 milhões de milionários cresceu cerca de US\$ 41 tri-



Mukesh Ambani, maior bilionário indiano

lhões no ano passado, ou seja, 9% a mais de 2006. Demonstra que a riqueza média era superior a US\$ 4 milhões, o maior nível até agora. Os valores dos lares não foram incluídos no total dos ativos.

"O crescimento da riqueza ultrapassa o crescimento da população, o que deve constituir uma tendência durável nos próximos anos", disse Ileana Van Der Linde, diretora de CapGemini.

Além da Índia, duas outras economias em desenvolvimento, China e Brasil, também têm um aumento de milionários a um ritmo elevado, apesar dos EUA conti-

nuarem a liderar a lista. Um em cada três milionários no mundo vive na América do Norte, enquanto a África, Oriente Médio e a América Latina representam 10%.

A emergência de 600.000 novos milionários, no ano passado, não surpreendeu os economistas. Brian Bethune, economista de Global Insight, afirmou que a inflação e a expansão da economia mundial causaram esse crescimento.

No primeiro semestre de 2007, o relatório observou um crescimento estável nas economias mundiais, enquanto a crise dos créditos e hipotecas de alto risco começou a causar prejuízos no segundo semestre. Porém, as economias emergentes permaneceram amplamente inalteradas.

Em tempo de desaceleração econômica, os ricos transferem o dinheiro em investimentos mais seguros, como obrigações e poupanças baseadas no mercado monetário, afastando-se de tais investimentos como bens imóveis, revela o relatório.

Os depósitos em dinheiro e os títulos de rendimento fixo representaram 44% dos ativos dos milionários no mundo, um aumento de 35% em relação a 2006.

Em 2012, a riqueza mundial dos mais ricos deve alcançar quase US\$ 60 trilhões.

Mercado emergente indiano é o mais procurado por varejistas

Segundo uma nova pesquisa de CB Richard Ellis, a Índia foi identificada como o mercado emergente mais procurado pelos varejistas do mundo



inteiro, em busca de sucesso nos negócios futuros. O relatório do líder mundial de serviços de bens imóveis comerciais revelou que 40% dos varejistas esperam que os mercados emergentes providenciem a principal fonte de crescimento nos próximos cinco anos, enquanto somente um quarto espera que o crescimento seja concentrado no mercado doméstico. A Pesquisa sobre os Mercados Emergentes Globais (GEMS) analisa os pontos de vista de cerca de 300 varejistas no mundo inteiro — representando uma carteira global de 25000 lojas — e revela as últimas tendências relativas aos destinos varejistas do mundo emergente.

O relatório revela que 27% dos entrevistados abriram uma primeira loja na

Índia no ano passado ou planejam fazê-lo em breve. O país é considerado particularmente atraente devido à dimensão do mercado, comparado à pequena presença dos varejistas internacionais. Com a mudança gradual das regras relativas à propriedade estrangeira, os investimentos estrangeiros se tornam possíveis, permitindo que os varejistas de marca única possuam até 49% das operações indianas.

Anshuman Magazine, Presidente e Diretor Gerente de CB Richard Ellis South Asia, disse: "Hoje, somos o destino preferido entre os mercados emergentes, quando se trata de varejo. Com a prosperidade econômica e o aumento do poder aquisitivo, cada vez mais indianos procuram opções varejistas mais amplas. Caso o governo permita investimentos diretos estrangeiros, inúmeros varejistas internacionais vão começar a se interessar."

RIL investirá US\$ 215 mi em firma EUA



Reliance Industries U.S.A., empresa do conglomerado indiano liderado por Mukesh Ambani, vai investir US\$ 215 milhões na criação de mais de 200 novos postos de trabalho, em uma recém-adquirida fábrica norte-americana de poliéster. Situada na Carolina do Norte, a fábrica de poliéster foi comprada por cerca de US\$ 12,2 milhões de Unifi Kinston. A empresa indiana planeja investir US\$ 215 milhões na unidade recém-adquirida. Unifi Kinston LLC declarou que assinou um acordo de compra de ativos com Reliance Industries U.S.A., sob o qual todos os demais ativos e estruturas, localizados na fábrica de poliéster de Unifi Kinston, serão vendidos por US\$ 12,2 mi-

lhões. Numa outra declaração, o Governador da Carolina do Norte, Michael F. Easley, disse que Reliance Industries USA abrirá sua primeira fábrica norte-americana, perto de Kinston. "A empresa criará 204 empregos durante os próximos cinco anos e investirá US\$ 215 milhões numa fábrica de resina destinada à produção de embalagens de plástico e de fios especiais de poliéster", segundo a declaração.

Para que a venda seja efetiva, Unifi Kinston deve pagar US\$ 3,6 milhões para E.I. DuPont de Nemours, como parte dos compromissos de demolição e remoção, devido à venda dos ativos. Dupont US, empresa cotada nos EUA, tinha assinado um acordo de fabricação com Unifi. Unifi Kinston espera registrar um benefício de US\$ 6,9 milhões, após completar a venda.

Índia aumentará capacidade elétrica com 300.000 MW na próxima década



A Índia aumentará a capacidade elétrica com 300.000 MW na próxima década, oferecendo oportunidade de investimento de US\$ 600 bilhões, segundo uma consultora líder em administração.

Num relatório publicado no dia 30 de junho intitulado 'Powering India: The road to 2017', McKinsey disse: "Do investimento total, é preciso US\$ 300 bilhões para a geração, US\$ 110 bilhões para a transmissão e US\$ 190 bilhões para a distribuição." Em 2017, este setor apresentará um lucro anual de US\$ 135-160 bilhões, enquanto a demanda energética aumentará de 300GW até 2017, afirmou o relatório.

O Ministro de Estado da Energia, Jairam Ramesh, que publicou o relatório em Nova Delhi, disse que a capacidade anual de fabricação de equipamentos elétricos alcançará cerca de 25000 MW até o final de 2012.

"A parte do fabricante estatal de equipamentos elétricos, Bharat Heavy Electricals Ltd. (BHEL), alcançará 15000 MW, enquanto os operadores privados contribuirão com 10.000 MW até ao final de 2012." O ministro acrescentou que o maior obstáculo para obter essa capacidade adicional no 11º plano decorreria do saldo em equipamento de produção (BoP).

Discursando no evento, o Vice-Presidente da Comissão de Planejamento, Montek Singh Ahluwalia, afirmou que a participação das empresas privadas no setor energético foi um sinal saudável e devia aumentar, atingindo um terço do custo total de investimento, até o final do 11º Plano Quinquenal.

Índia abre base de pesquisa no Ártico

O Ministro da União de Ciência e Tecnologia e Ciências da Terra Kapil Sibal inaugurou, em 1º de julho, uma base permanente perto do Pólo Norte para permitir que cientistas desenvolvam pesquisas, especialmente sobre mudanças climáticas. A base de investigação denominada "Himadri" foi equipada com sofisticadas instalações e está situada na costa oeste de Spitsbergen, a maior ilha do arquipélago Svalbard, na Noruega.

"Himadri será controlado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Oceano e Antártida e (NCAOR), um instituto autônomo no âmbito do Ministério das Ciências da Terra", segundo uma declaração emitida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

Com a abertura de 'Himadri', a Índia tornou-se o 10º país no mundo a criar um centro de excelência na região. Outros países como Noruega, Alemanha, Grã-Bretanha, França, Japão, Coreia do Sul e China já criaram estações no Ártico.

Ao inaugurar a base de pesquisa, o



O Ministro da União da Ciência e Tecnologia e Ciências da Terra Kapil Sibal, juntamente com a equipe de cientistas indianos após a inauguração de "Himadri", o novo centro indiano de pesquisa no Ártico

Ministro Sibal expressou contentamento pelo fato que o Programa Ártico Indiano, iniciado em agosto de 2007, com um pequeno contingente de cinco cientistas, tenha se expandido e se tornado uma verdadeira estação de pesquisa em menos de

um ano, acrescentou a declaração.

Também estiveram presentes, na inauguração no Pólo Norte, a Ministra Federal da Alemanha Annette Schavan, o Ministro norueguês Tora Aasland e o Senador francês Christian Gaudin.

Índia é líder em potencial TI verde

A Índia é líder mundial em potencial TI verde, de acordo com um comunicado recente de pesquisa global de empresas. Os entrevistados indianos ultrapassaram os 10 outros países ao esperar pagar 5% ou mais pela tecnologia verde, se forem comprovados os benefícios para o meio ambiente e o retorno sobre investimento (ROI). Os países restantes ficaram atrás, porque ganharam pontos na expectativa de pagar, ao menos, 5% ou mais ou preferir tecnologia verde com ROI comprovado e não ambos.

A tecnologia verde, explicou a pesquisa aos entrevistados, é a tecnologia com efi-

ciente consumo de energia, embalagens recicláveis / reutilizáveis, ofertas de reciclagem para equipamentos mais antigos, uso de materiais não-tóxicos, ou investimentos em conceitos de futuro verde, tais como materiais alternativos.

O estudo foi conduzido por GreenFactor, que pesquisa e destaca oportunidades de marketing verde. "Inicialmente, parece um contra-senso pensar que a Índia seria número um", explica Paul Walker, presidente do Grupo GCI, no relatório empresa verde, "mas este país atravessa uma alta taxa de investimento de TI e dados históricos de

crescimento conjugado. Faz sentido que os tomadores de decisão de TI sejam mais sensíveis aos desafios ambientais, apoiando cada vez mais as soluções de TI verde."

Enquanto cerca de dois terços dos mexicanos (63%) e brasileiros (57%) esperam pagar o mesmo, ou menos, por TI verde, quase dois terços dos japoneses (71%), norte-americanos (66%) e indianos (66%) esperam pagar por uma qualidade melhor. A preferência potencial dos entrevistados indianos, mexicanos e brasileiros é bastante superior à média mundial, apontou a pesquisa.

Dell vai ampliar rede de varejo na Índia

Dell India anunciou que vai ampliar a rede de varejo na Índia e busca parcerias com outros estabelecimentos de varejo no país para reforçar a presença no setor de computadores laptop e desktop. A nova parceria de Dell com a cadeia de lojas Croma do Grupo Tata em Mumbai foi um empreendimento bem sucedido. Globalmente, os produtos Dell estão sendo distribuídos pelas lojas Wal-Mart.

Dell chega em 3º lugar no mercado indiano com uma participação de 7,6% e receitas disparando com US\$ 800 milhões em março de 2008 contra US\$ 700 milhões em março de 2007.

Sameer Garde, diretor geral de Dell na



Índia, disse: "Estamos crescendo junto com o boom do varejo na Índia. Atualmente, quase metade da nossa atividade de consumo é direta. Mas, como a atividade de varejo subiu acima de nossas expectativas,

o varejo será a parte central da estratégia global para atingir os consumidores." Ele acrescentou ainda que Dell India visa o setor de pequenas e médias empresas (PME). Dell vai apresentar notebooks que oferecem a opção de software operacional pré-instalado, excelentes opções de conectividade e também jogos evolutivos. A empresa também pretende fornecer garantia 'onsite', (anteriormente dada aos clientes corporativos), bem como para o setor de PME.

GE-BHEL obtém contrato de US\$ 550 milhões

Um consórcio entre a norte-americana General Electric (GE) e a estatal indiana Bharat Heavy Electricals Ltd. (BHEL) obteve um contrato de INR 22 bilhões de geração elétrica principal petrolífera indiana ONGC, anunciado em 24 de junho. "Após concorrer com a francesa Alstom, o consórcio BHEL-GE ganhou a licitação para a geração de 740 MW de energia a partir de gás na-



tural produzido pela ONGC," disse o porta-voz de ONGC Sanjeev Sharma. A usina elétrica esta sendo desenvolvida por ONGC Tripura Power Co. (OTPC), uma nova

companhia formada para dirigir o gigantesco projeto. ONGC, também do setor público, tem 50% de participação acionária em OTPC. O balanço é realizado por Infrastructure Leasing and Financial Service (IL & FS) e pelo governo de Tripura.

Warburg compra 15% de Laqshya Media

WARBURG PINCUS

A empresa norte-americana de capital privado, Warburg Pincus, obteve cerca de 15% de Laqshya Media, uma das principais empresas de suporte publicitário ao ar livre, por INR 2,76 bilhões. Warburg investirá a quantia em Laqshya no período de um ano.

Laqshya Media é uma empresa de mídia de serviço completo OOH (out-of-home) com presença nacional, e detém ativos de publicidade variando de redes de mídia digital, concessões de mídia de trânsito, mobiliário urbano, unipoles e cartazes tradicionais. UTI Venture é o outro investidor na empresa, que investiu US\$ 10 milhões em 2006.

Confirmando o desenvolvimento, Alok Jalan, de Laqshya Media MD, disse que como líder da indústria, Laqshya pretende continuar a investir no desenvolvimento de ativos de mídia, centrando-se nas principais cidades e projetos de infra-estrutura, tais como aeroportos, sistemas de trânsito, modernos abrigos de ônibus e passarelas de pedestres. Declarou que a empresa tem desenvolvido sólidos negócios na Índia, Sri Lanka e nos Estados Unidos.

"Investiremos nas múltiplas oportunidades que encontramos para os negócios, a fim de acelerar nossos planos de expansão da empresa e construir a liderança em toda a Índia e no exterior," afirmou Jalan.

Intas Biopharma adquire grupo biotec nos EUA



A companhia indiana biofarmacêutica Intas Biopharmaceuticals Ltd (IBPL) adquiriu a norte-americana Biologics Process Development Incorporated (BPD Inc.), situada em Poway, California. Com o acordo em fase de conclusão, a quantia envolvida foi mantida em segredo e será anunciada mais tarde.

O desenvolvimento vai facilitar e ajudar Intas Biopharma a penetrar no mercado, especialmente para expandir negócios de serviços de fabricação e pesquisa de contrato (CRAMS). BPD oferece serviços diversificados na área de biologia molecular incluindo cultura celular, fermentação bacteriana, serviços de consultoria em fase preliminar.

Com o empreendimento de Intas Biopharma em negócios CRAMS, abriram-se novas perspectivas para P&D em biosimilares. "IBPL agora pode oferecer um modelo exclusivo de negócios para clientes offshore em termos de desenvolvimento de novos produtos tecnológicos, transferência de tecnologia e fabricação de contrato com custos comprometidos, qualidade e tempo para criar uma vantagem competitiva para o cliente", disse Dhananjay Patankar, diretor técnico de Intas Biopharma.

Ativos dos 4 gigantes TI ultrapassam US\$ 5,2 bi



As principais empresas de serviços TI — TCS, Infosys Technologies, Wipro e Satyam Computer Services — juntas tiveram "ativos disponíveis" que ultrapassaram US\$ 5,2 bilhões durante o ano fiscal 2008. O lote comum financeiro assume relevância, uma vez que não só coloca estes prestadores de serviços em uma forte posição estratégica para continuar a aquisição de empresas no exterior neste ano, mas também oferece conforto num momento em que o maior mercado da indústria — os EUA — está enfrentando um período de desaceleração. Os ativos disponíveis (incluindo dinheiro e saldos bancários, bem como investimento em fundos mútuos a curto prazo) dos quatro gigantes indianos de TI foram fixados em quase US\$ 4,2 bilhões em 2007, de acordo com Angel Broking Ltd.

Satyam Computer Services anunciou um grande número de aquisições nos últimos seis meses. Satyam está atualmente em busca de aquisições no campo de serviços BPO, engenharia e espaço de serviços de gestão de infra-estrutura (IMS).

Wipro Technologies, em agosto do ano passado, havia anunciado a aquisição de Infocrossing, empresa de outsourcing, cotada na Nasdaq, por cerca de US\$ 600 milhões numa transação em dinheiro.



GIGANTES INDIANOS conquistando o planeta

Os últimos dois anos foram de tremenda atividade no campo de fusões e aquisições (F&A) envolvendo empresas indianas. Ambientes de operações de baixo custo na Índia e fortes resultados consolidados com potencial para influência tornam as empresas indianas compradores ideais, até mesmo nos mercados internacionais. Com contratos recentes de F&A de alto nível, como a aquisição da anglo-holandesa Corus por Tata Steel no valor de US\$ 8 bilhões, a compra por Vodafone do segundo maior provedor indiano privado de telefonia móvel Hutchinson-Essar e muitos outros fazem com que 'fusões e aquisições' seja a palavra em voga das empresas indianas.

Inúmeros estudos explicam o crescimento das atividades nos setores dominantes. Entretanto, a necessidade imediata é entender os desafios, motores, capacidades dos operadores e as consequências do fenômeno deste crescimento acelerado. Em 2007, AT Kearney & Knowledge e @Wharton uniram-se para realizar o estudo de fusões e aquisições envolvendo empresas indianas. Esta série é amplamente baseada nos resultados daquela pesquisa.

Empresas indianas na trilha dos negócios

Nos últimos anos, as empresas indianas líderes avançaram muito na aquisição de negócios no exterior, sinalizando um novo nível de participação no espaço global.

Não há dúvida que as empresas indianas conseguem atrair a atenção do mundo inteiro. O crescimento econômico indiano, com uma classe média ascendente e uma força de trabalho que domina o idioma inglês, transformou o país num destino imbatível para investidores estrangeiros.

As fusões e aquisições tiveram um

crescimento tremendo nos últimos quatro anos, tanto em termos de valor de contratos e volume resultando em 47% da taxa de crescimento anual composta (CAGR), quanto em termos de volume — entre os mais altos crescimentos mundiais. Em 2007, houve um aumento do número total de contratos chegando a 1000 (F&A e fundos de private equity juntos), comparado com 782 em 2006 e 467 em 2005.

O número de contratos multibilionários em dólares subiu de zero em 2006 a sete em 2007. Cinco dos sete contratos foram feitos nos setores de energia e infra-estrutura, o que não é surpreendente devido ao tamanho dos projetos.

A infra-estrutura é o ponto mais fraco na história do crescimento indiano e o desenvolvimento neste setor continuará fluante. Também refletindo o mercado maduro de F&A é o aumento significativo do valor — 51% de CAGR nos últimos quatro anos, o que indica um uso maior da rota inorgânica para o crescimento do combustível. O valor das transações transnacionais quase triplicou em relação a 2006, totalizando US\$ 47 bilhões com entradas de US\$ 15 bilhões e saídas de US\$ 32 bilhões.

As transações de Tata-Corus, Vodafone-Hutch e Hindalco-Novelis representaram 56% do total de contratos de fusões e aquisições em 2007. Apesar do valor das operações nacionais ter realmente diminuído de US\$ 4,9 bilhões em 2006 para US\$ 2,85 bilhões em 2007, o número do volume de contratos aumentou significativamente, o que indica que as F&A estão se tornando um instrumento eficaz até mesmo para pequenas e médias empresas.

Além disso, o número de contratos transnacionais continua a ultrapassar os contratos internos. Somente em fevereiro de 2008, houve 17 transações nacionais, onde ambas as empresas compradoras e empresa alvo eram in-

dianas com um valor anunciado de US\$ 2,47 bilhões e 19 contratos transnacionais com um valor anunciado de US\$ 0,47 bilhões. Uma nova análise das aquisições transnacionais revela que há mais transações externas (empresas indianas que adquirem empresas fora do país) do que contratos internos, tanto em termos de valor quanto de volume. Um dos maiores fatores de dissuasão para transações internas, além das restrições governamentais de IDE em certos setores, tem sido o aumento significativo das valorizações das empresas indianas (no caso raro em que um promotor indiano decida vender).

A preferência pelos mercados-alvo são a América do Norte (38% do valor de contratos em 2007) e a Europa (52% do valor de contratos em 2007). O idioma e os sistemas jurídicos conhecidos dos países anglo-saxões os tornam mais atraentes para aquisições.

Setores como a informática, automotivo, farmacêutico e bancário foram os primeiros a participar em fusões e aquisições, mas em 2007, houve uma participação significativa de setores como matérias-primas, telecomunicações, energia. TI e ITe têm clara liderança em termos de proporção de volume com uma participação de 23% do número total de transações.

Uma das principais razões para esta situação é que as empresas de TI e ITe têm fluxos de caixa mais fortes que permitem financiar os planos inorgânicos efetivamente, e também, exigem aquisições para acrescentar às capacidades específicas. Em termos de valor de contrato, os líderes são o aço e as telecomunicações que representaram mais de 51% do total do valor dos contratos indianos de fusões e aquisições em 2007. Mais uma vez, o tamanho dos projetos explica o alto valor e o volume mais baixo. Paralelamente, o panorama do capital privado está crescendo bastante.



O número de contratos F&A subiu de zero em 2006 a sete em 2007. As transações de Tata-Corus, Vodafone-Hutch e Hindalco-Novelis representaram 56% do total de contratos de fusões e aquisições em 2007.



NALANDA:

antiga sede de conhecimento



Fundada no século 5º DC, Nalanda é conhecida mundialmente como uma antiga sede de conhecimento. As ruínas da universidade mais antiga do mundo encontram-se aqui, a 62 km de Bodhgaya e 90 km ao sul de Patna, capital do estado indiano oriental de Bihar.

Embora Buda tenha visitado Nalanda várias vezes durante sua vida, este centro de ensinamento budista ganhou fama nos séculos 5-12. Hieun Tsang esteve aqui no século 7 DC e deixou descrições detalhadas da excelência do sistema de educação e da pureza da vida monástica praticada ali. Ele também fez um vívido relato do ambiente e da arquitetura da única uni-

versidade dos tempos antigos.

Nesta primeira universidade internacional residencial do mundo, 2.000 professores e 10.000 alunos monges budistas, de todas as partes do mundo, viveram e estudaram aqui. Os reis Gupta financiaram estes mosteiros, construídos no antigo estilo arquitetônico Kushan, com celas ao redor de um pátio.

O Imperador Ashoka e Harshavardhana foram os mais famosos patronos e ali construíram templos, mosteiros budistas. Recentes escavações revelaram elaboradas construções no local.

A biblioteca universitária tinha uma enorme coleção de 9 milhões de volumes.

As ruínas da universidade estão espalhadas em torno de uma área de 14 hectares. Embora uma grande parte da universidade tenha sido explorada, uma enorme porção permanece desconhecida.

No século 12 DC, todo o complexo universitário foi destruído por Bakhtiar Khilji, um invasor turco. Existe um museu onde podem ser vistas raras coleções do passado. Um Centro Internacional de Estudos Budistas foi fundado em 1951. Outra moderna instituição é o Centro de Pesquisa Nava Nalanda Mahavir que possui muitos manuscritos raros. Nas proximidades, encontra-se Biharsharif, onde se comemora anualmente um 'urs' (aniversário da morte de um santo) no túmulo (dargah) de Ibrahim Malik Baya.

PRINCIPAIS ATRAÇÕES

Complexo Arqueológico da Universidade de Nalanda: O total da área escavada do complexo é de cerca de 14 hectares. A universidade foi construída no estilo arquitetônico Kushana. Existem grandes jardins, estátuas de bronze e edifícios de tijolos vermelhos em toda a parte. Há vários templos aqui, dos quais o N° 3 é o mais interessante, com estátuas de Lord Buddha em diferentes poses (mudras). Há uma estátua de Buda parcialmente destruída no Templo N° 1.

Museu Arqueológico Nalanda: Fundado em 1971, o museu tem uma bela coleção de

estátuas de bronze de Buda, deuses e deusas hindus. As coleções foram encontradas durante as escavações no sítio da universidade. O museu possui manuscritos raros, chapas de cobre, inscrições em pedra, moedas, cerâmica e uma amostra de arroz queimado do século 12 DC. Aberto das 10:00 às 17:00 horas. Fechado nas sextas-feiras.

Nava Nalanda Mahavihara: Este centro internacional de estudo de budismo e literatura pali foi criado em 1951. Oferece trabalhos de pesquisa sobre budismo e a antiga língua pali.

Memorial Hieun Tsang: Hieun Tsang foi um famoso viajante chinês que visitou a Índia no século 5 DC para estudar as condições sociais e políticas. Dedicou 12 anos de sua vida como professor e estudante na antiga universidade. Este memorial foi construído em sua homenagem.

INFORMAÇÃO TURÍSTICA

COMO CHEGAR

Via aérea: O aeroporto mais próximo de Nalanda é em Patna, a 90 quilômetros de distância.

De trem: A estação ferroviária mais próxima é Gaya, em torno de 65 quilômetros de Nalanda. Gaya está conectada às outras regiões da Índia.

Via terrestre: Nalanda está conectada por meio de uma boa rede rodoviária com Rajgir (12 km), Gaya (65 km) e Patna (90 km).



Declaração de Exoneração de Responsabilidade: Notícias da Índia reúne conteúdos de fontes diversas e as visões expressas em entrevistas e artigos publicados não representam necessariamente as visões da Embaixada ou do Governo da Índia.